

O FENÔMENO 'BULLYING' NA ESCOLA PÚBLICA, NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN

André Augusto Maia¹
Fábio Ricardo Leme²

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo promover uma reflexão sobre fenômenos de violência, comumente chamado por bullying, dentro da escola, partindo da premissa de que ocorrem, cotidianamente, neste espaço. A reflexão sobre o tema, a partir de uma realidade em constante transformação, visa propor considerações diante dos fatos constatados no contexto escolar estudado. Analisamos os fatores que motivam a violência escolar, com um olhar focado na relação entre os sujeitos, entendendo que esse é um aspecto relevante e disparador do bullying na realidade escolar. Investigamos a compreensão dos alunos sobre a problemática, coletando relatos, depoimentos e reflexões, visando compreender o problema a partir da experiência dos mesmos, sendo estes vítimas ou expectadores das situações de violência e bullying dentro do espaço escolar. As problemáticas detectadas foram objeto de ampla reflexão e discussão ao longo desse estudo, utilizando, principalmente, a teoria de Zygmunt Bauman, que analisa a liquidez das relações humanas e suas consequências em uma realidade em constante transformação. Verificamos que há presença de violência na realidade escolar estudada, dentro de sala de aula ou no recreio, bem como a falta de suporte para o seu enfrentamento por parte da instituição escolar. Identificamos a presença do fenômeno bullying, resultante de uma realidade de violência e dificuldades de relacionamento, evidenciado pelos inúmeros relatos dos sujeitos sobre a questão. A pesquisa foi realizada no âmbito do curso de pós graduação em Ética, Valores e Cidadania na Escola – EVC – da Universidade de São Paulo.

PALAVRAS CHAVE: Pós-modernidade, escola, violência, *bullying*.

ABSTRACT: This study aims to promote reflection on school violence phenomena, commonly called by bullying, based on the premise that occur daily in this space. The subject reflection, from a reality in constant transformation, seeks to propose considerations about facts observed in the studied school context. We analyzed the factors that motivate school violence with a gaze focused on the relationship between the individuals, understanding that this is a relevant aspect and bullying trigger in school reality. We investigated the students' understanding of the problematic, collecting reports, testimonials and reflections, to understand the issue based on their experiences as victims or spectators of violence and bullying in school environment. The problematics detected were the subject of extensive reflection and discussion throughout this study using mainly the Zygmunt Bauman theory. It analyzes the human relationships liquidity and their consequences in a reality in constant transformation. We found that there is presence of violence in school reality studied, within class or in the recreation area as well as the lack of support by the educational institution for their confrontations. We identified the bullying phenomenon presence resulting from a violence reality and relationship

¹ Graduado em Filosofia, Pós Graduado (latu sensu) em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela Universidade de São Paulo-SP, Pós Graduando em Gestão Escolar. Professor de Filosofia da Rede Estadual de Ensino – SP. Professor de Teodiceia do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto. - E-mail: andre_filosofo@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-tutor do curso de especialização Ética, Valores e Cidadania na Escola da Universidade de São Paulo-SP. Gestor de Projeto Educacionais do SENAC- SP.

difficulties. This was evidenced by many reports of individuals on this question. This research was carried as part of the postgraduate course in Ethics, Values and Citizenship in School - EVC - University of São Paulo.

KEY WORDS: Postmodernity, school, violence, bullying.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende apresentar, de forma sintética, o resultado do estudo que realizamos em uma escola pública de Ribeirão Preto-SP, visando compreender a temática do *bullying*, e utilizando a teoria de Zygmunt Bauman, que compreende as relações predominantes na pós-modernidade a partir do afastamento e da liquidez das relações entre os sujeitos. (BAUMAN, 2001 e 2008). Qualquer tipo de atentado à vida humana nos aterroriza. A violência noticiada e debatida diariamente nos deixa num estado de paralisia: sem reação, sem expressão. Procuramos entender as motivações, os fatores, as condições. Porém, quando a violência se relaciona à escola, vemos ainda mais repercussão, ainda mais sentimentos de revolta, de incompreensão, por parte de professores e alunos, da sociedade em geral.

Recentes tragédias ocorridas em escolas públicas, como a da Escola Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro³, servem, a princípio, para uma reflexão, para gerar questionamentos visando compreender tais fatos. A investigação de casos de violência na escola, como no caso citado, podem indicar o ódio pelo outro, por parte do assassino, a exclusão e a incompreensão por parte daqueles que conviveram com os assassinos. Diante disso, um questionamento pertinente: como é possível dentro de um espaço educacional ocorrer esse excessivo sentimento de violência? Sem dúvida uma das grandes provocações desse estudo seja entender, discutir e problematizar o quanto a escola reproduz a violência que vem de fora e quanto a escola tem dado condições para produzir, também ela, essa mesma violência. Assim, apresenta-se como questionamento para esse estudo um fato

³ Essa tragédia (ocorrida em 07 de abril de 2011 e amplamente divulgada pela mídia) foi causada por Wellington Menezes de Oliveira, desempregado, de 23 anos, ex-aluno da referida escola. Ele teve autorização para entrar na escola e realizar uma suposta palestra. Sacou de sua mochila duas armas e atirou em 24 crianças, na maioria meninas, vindo a provocar a morte de 12 crianças e a sua própria, posteriormente, quando percebeu a presença policial. Amigos que estudaram com Wellington relataram que ele era vítima de bullying.

cotidiano, parte da realidade de muitas de nossas escolas. Pretendemos investigar, nesse sentido, se o *bullying*, considerado um fenômeno pós-moderno e associado aos jovens em período escolar, se configura como violência simbólica, impensada, e como o resultado do esvaziamento nas relações interpessoais dentro da escola.

A hipótese que se apresenta mais clara a esse estudo é que ocorram no cotidiano das escolas diversos casos de adolescentes e jovens que reproduzem a violência notória em nossa sociedade, bem como se supõe a ocorrência de casos de agressões físicas e verbais entre os sujeitos integrantes do universo escolar, resultantes de uma realidade em que os relacionamentos interpessoais são cada vez mais esvaziados. Supõe-se também que entre as vítimas e praticantes do bullying exista uma série de sentimentos e opiniões em jogo e, finalmente, que os alunos em geral procuram encontrar meios para refletir e compreender uma realidade de violência, dada as dificuldades encontradas na convivência cotidiana.

PROBLEMATIZAÇÃO E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A compreensão das relações sociais, da construção de relacionamentos e seus desdobramentos – conflitos, violência, agressividade – são necessários quando se pretende estudar uma realidade que passa por constantes transformações. Bauman (2001) discute essa realidade através da metáfora da liquidez ou fluidez do tempo e da sociedade.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”, são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados - ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”: Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Nesse sentido, tudo aquilo que era dado como certo, indubitável, ou ‘sólido’, deixa de ter sentido. A confiança humana na razão, no progresso e no desenvolvimento social dá lugar a uma inevitável instabilidade e indefinição de diversos aspectos da vida humana. Bauman (2001) considera a modernidade esgotada. O tempo passa depressa demais, problemas novos surgem e soluções encontradas para eles não chegam a resultados satisfatórios. A racionalidade humana, até então vista como capaz de transformar absolutamente tudo passa a ter uma leveza, transitoriedade e maleabilidade, que passam a caracterizar a vida pós-moderna. A crença em organização social, em justiça, em qualidade de vida – próprias da modernidade - se tornam insuficientes para a nova realidade que se apresenta. A noção de mercado vai tomando conta de todas as relações humanas, dando liquidez a elas. Quando vivemos os relacionamentos percebemos que eles não têm mais qualidade: o cidadão contemporâneo percebe que existem outras oportunidades no mercado – assim, as relações humanas são esvaziadas, dado o caráter de constante mudança.

Nossa sociedade de risco enfrenta uma tarefa assustadora quando se trata de conciliar seus membros com os riscos e pavores da vida cotidiana. É essa tarefa que os pobres, apresentados como uma subclasse de proscritos, tornam um pouco mais fácil. Se seu tipo de vida é a única alternativa para “permanecer no jogo”, então os riscos e os horrores de um mundo flexível e com uma incerteza perpétua parecem um pouco menos repulsivos e insuportáveis, isto é, eles se sentem melhor do que em qualquer outra opção possível. Poderíamos dizer, de maneira um pouco cínica, que nossa paz de espírito, nossa reconciliação com a vida, e qualquer felicidade que possamos obter da vida com a qual nos reconciliamos, tudo depende psicologicamente da desgraça e da miséria dos pobres párias. E quanto mais miserável e desgraçado o conjunto dos párias é, menos miseráveis nos sentimos. (BAUMAN, 2008, p. 102-103)

Segundo Bauman (2001), as pessoas parecem aceitar esse processo naturalmente, avaliando que a vida é suficientemente boa da forma em que se constitui. Os valores de uma sociedade pós moderna acabam por se construir a partir de uma lógica de mercado e não mais pela racionalidade e pelo humanismo. Valores éticos, estéticos e religiosos perdem espaço, tornam-se praticamente dispensáveis e irrelevantes para o capitalismo moderno. A esfera de valores se

tornaria absolutamente individual e dependente de uma adesão particular a ideais, diante de tamanha desvalorização presente no sistema de mercado e lucro. Assim, o processo de individualização acaba por caracterizar as relações, de forma a gerar um desprendimento da família e da própria organização social. O individualismo ganha da cultura de comunidade e o relacionamento entre Eu e Outro passa a ser limitado pela lógica mercantil. Os relacionamentos podem ser facilmente desfeitos caso haja qualquer tipo de desagrado entre as partes – predominam a fluidez e o descompromisso com o outro, contrários a uma postura ética de valorização do humano, em detrimento a proclamação de uma liberdade individual. O panorama insustentável de violência e de individualismo nos tempos contemporâneos é uma evidência da falência da modernidade e da instauração de ‘terras de ninguém’. Predomina a falta de normas sociais claras e a humanidade retorna à barbárie, a partir da desumanização.

Os impérios se espalhavam, preenchendo todas as fissuras do globo: apenas outros impérios de força igual ou superior punham limites à sua expansão. O que quer que ficasse entre os postos avançados dos domínios imperiais em competição era visto como terra de ninguém, sem dono e, portanto, como um espaço vazio - e o espaço vazio era um desafio à ação e uma censura à preguiça. (BAUMAN, 2001, p. 132)

O ser humano pós-moderno descobriu, em todo esse processo de mercado a liberdade, em detrimento dos valores. Também descobriu que ser livre é um grande peso e que a falta dos limites é prejudicial, pois a exposição e a vulnerabilidade, a violência e a barbárie tomam conta das relações. Transformações na realidade podem gerar uma sensação de conforto, desenvolvimento e progresso; esse mesmo processo nos leva a indagar ou tentar compreender a violência e os limites do fazer humano sobre sua história e sobre o meio social. O processo educacional, a lógica de mercado e a vulnerabilidade das relações sociais caminham lado a lado nos tempos contemporâneos. O desafio de construir uma educação num contexto de uma realidade em constante e veloz transformação reside na constatação, realizada por Bauman (2001), Silva (2009) e Fante (2011), de que a racionalidade moderna e a aplicação rigorosa de teorias e técnicas, presentes na maioria das escolas, não atende mais às necessidades de

uma educação adequada à cultura que se apresenta na pós-modernidade. A vivência numa realidade fragmentada, vulnerável e com relacionamentos cada vez mais descompromissados, passa por um processo muito mais reflexivo sobre os valores do que por uma educação desconectada dessa realidade. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico e as transformações sociais têm levado a um processo de afastamento por parte do ser humano de si mesmo e da tentativa de transformar a realidade que se impõe, contemporaneamente.

De acordo com Silva (2009), os mais jovens esperam uma base mais sólida para construir suas referências e se estruturar enquanto pessoas. Para muitos jovens, entretanto, entrar na vida adulta nos tempos contemporâneos significa perder esperanças ao invés de tentar construir um futuro melhor. Os conflitos educacionais de hoje, de certa forma, partem do suposto de que a escola não consegue mais dar suporte aos jovens para que realizem uma reflexão sobre valores. As pedagogias tradicionalistas e desfocadas da realidade vêm, pelo menos desde o Iluminismo, sendo utilizadas e tornando a escola uma estrutura rígida, com toda a iniciativa na mão dos professores. (BAUMAN, 2008). A necessidade de viver e moldar estratégias para dar sentido à vida é uma condição própria do nosso tempo. Porém as escolas estão despreparadas para desenvolver essa reflexão sobre as ambições modernas e suas concretizações (BAUMAN, 2008). A escola se revela insuficiente, seja pela continuidade de práticas ditas 'modernas' de ensino, seja pela dificuldade de compreender tão complexa realidade que a circunda. Uma preparação para a vivência cotidiana deve passar por uma série de valores, escassos nos nossos tempos, a começar pela reflexão, auto avaliação, assumir e se responsabilizar por escolhas. Enfim, uma educação própria para a pós-modernidade passa pelo entendimento das identidades e pela aceitação da identidade do outro.

Em vez de criarmos valores totalmente diversificados e radicais, seria mais interessante realizarmos uma profunda e pragmática reflexão, a fim de estruturarmos um modelo educativo que busque, ainda no passado, o que o sistema de ensino propiciou de melhor e de mais eficiente, abandonando os métodos arcaicos e de respostas pouco positivas. A esses padrões antigos, porém de resultados satisfatórios, adicionaríamos o que os dias atuais nos oferecem em

termos de tecnologia e técnicas didáticas mais dinâmicas, que possam trazer eficiência ao aprendizado. (SILVA, 2009, p. 59-60)

Nesse sentido, a educação para a pós-modernidade poderá, ser pensada a partir dela e a partir do que deu certo no passado, proporcionar as ferramentas para compreender melhor a violência e a agressividade, tão comuns e tão presentes nas escolas. Um projeto educativo pensado para essa realidade e que busque gerenciar ou entender as constantes transformações pode ajudar na reflexão para uma cultura de paz e de tolerância, bem como do respeito ao outro e à vida humana. (SILVA, 2009). Problematizando a questão da violência na escola, sabe-se que sua compreensão passa pelo entendimento do contexto onde ela ocorre e de acordo com os valores adotados pela sociedade (FANTE, 2011). Segundo Abramovay (2002), não existe consenso sobre o significado de violência, especialmente quando relacionada à escola, dada à complexidade própria dos espaços escolares e dos inúmeros relatos sobre o problema.

Nosso estudo, por se concentrar na questão do *bullying*, leva em conta a questão da violência enquanto incivildades dentro do espaço escolar, bem como a violência própria das relações entre escolares – a violência simbólica. Boa parte dos estudos sobre essa questão tendem a considerar não só a violência física, mas os relatos dos atores sociais sobre as incivildades e o espaço onde está inserida a escola. (ABRAMOVAY, 2002; FANTE, 2011; DEBARBIEUX e BLAYA, 2002). Fante define violência como: “todo ato praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (2011, p. 157). Assim, compreendemos que a violência, tanto dentro quanto fora da escola, reside no fato de que as relações humanas estão, atualmente, muito mais fragilizadas e inconstantes.

Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que aconteçam os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante. Preocupa porque afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da

comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência.
(ABRAMOVAY, 2002, p. 26)

O entendimento da escola como espaço para uma cultura de paz, pautada na reflexão e no diálogo é algo que deve ser considerado, tanto que os estudos apresentados até aqui pretendem, de forma geral, analisar os relacionamentos dentro da escola e suas implicações. A violência dentro dos muros da escola é preocupante, não pelo fato em si, mas pelas consequências a que todos os sujeitos envolvidos podem vir a sofrer. Trazendo à tona a questão do bullying, enquanto um retrato da violência na escola, apontamos que, no meio acadêmico, o termo é associado a comportamentos agressivos e repetitivos. A utilização do termo em inglês deve-se ao fato de que não há uma tradução adequada (CUBAS, 2006). Silva (2009) qualifica o bullying como um comportamento violento na escola, de variadas formas, realizado intencionalmente pelos agressores. As atitudes do agressor visam maltratar os mais fracos para estabelecer poder e obter prazer.

Fante (2011) acrescenta que o bullying é um comportamento cruel. O pressuposto da brincadeira esconde, na verdade, o intuito de maltratar ou agredir o outro. A vítima, na maioria das vezes tem dificuldade em se defender. Cubas (2006) pondera que o bullying é um fenômeno antigo que só recentemente ganhou atenção visando a análise de suas causas e consequências. Diversas pesquisas acadêmicas e a exploração midiática do fenômeno tem ocorrido por conta do aumento do número de casos de suicídios e atentados por parte das vítimas do bullying. O fato de o bullying causar danos a aspectos psicológicos, psicossomáticos, fobia escolar e social, ansiedade, depressão, entre outros (SILVA, 2009), indica o quanto esse tipo de violência escolar pode ser danoso para um ambiente onde o estímulo à convivência e diálogo são pressupostos indispensáveis.

O espaço escolar por si só, dada sua complexidade e diversidade de sujeitos, possui diversos tipos de conflitos. A escola é o espaço onde as diferenças podem ser motivação para gerar conflitos, se considerada a não aceitação do outro como sujeito e a falta de respeito pela diversidade. Entre alunos é comum a existência de conflitos ou de algumas interações pautadas pela agressividade. Se na sala de aula um aluno apresentar características como ansiedade, timidez ou indefesa física, por exemplo, logo será uma vítima em potencial do agressor. (FANTE, 2011). Os

estudos desse grave fenômeno revelam uma pequena conscientização e despreparo dos profissionais da educação no trato com esse tipo de violência. Desde a negação da violência dentro da escola por parte de gestores e afirmações por parte dos educadores da naturalidade das relações de submissão, pelo pressuposto de que a experiência conflituosa pode ajudar a enfrentar futuros desafios, verifica-se a deficiência das políticas educacionais e da formação dos professores para o enfrentamento dos conflitos. (FANTE, 2011).

O modelo educacional carente de uma educação em valores, a permissividade, falta de limites e a violência familiar podem ser compreendidos como causas para o fenômeno bullying. Entre as décadas de 1950 a 1970 propagou-se a ideia de uma educação em que se colocam como prioridades as necessidades da criança e atitude permissiva dos pais para não interferir na sensibilidade dos filhos, em resposta a toda rigidez e autoritarismo dos tempos passados. (SILVA, 2009). Essa inversão radical pela quebra de uma ordem social que privilegiava demasiadamente a disciplina a todo custo, própria da modernidade já superada pelas relações vulneráveis da pós-modernidade, gera um processo em que os mais jovens criam hábitos de apenas fazer o que bem quiserem. Os pais cederam a todas as vontades dos filhos, invariavelmente, tolerando até mesmo atitudes intoleráveis, numa atitude educativa ineficaz.

Assim, diante da dificuldade em educar adequadamente os filhos ou da renúncia desse importante papel por parte dos pais, geram, conseqüentemente, sujeitos que não conseguem enfrentar os desafios impostos pela vida, nem mesmo se adaptar a regras comuns de convivência social. Os atos de agressividade ou intolerância que supostamente forem realizados podem ocasionar danos às vítimas desses jovens. (SILVA, 2009). Diante das questões apresentadas até aqui, a escola tem papel importante em uma necessária mudança nesse quadro de comportamentos agressivos, como o bullying. Além das inovações necessárias diante das transformações sociais pelas quais passamos, entendemos que a escola precisa, acima de tudo ser um espaço de fortalecimento das relações interpessoais, visando aprofundar nos alunos os valores desejáveis para uma convivência mais harmoniosa.

A escola, como instância formadora, acaba sendo primordial nesse processo de entendimento do bullying numa sociedade pós-moderna. O enfrentamento dos fenômenos de violência, dentro da escola, se apresenta como imperativo nos autores apresentados até aqui. A urgência do entendimento de tal fenômeno dentro da escola caminha lado a lado com a problemática do ensino diante dessa realidade transformada. Os rumos que as políticas e projetos em educação pretendem tomar devem estar voltados à questões como o bullying – um tema antes não tratado, nem refletido e nem constatado. Antes tínhamos uma escola voltada para os conteúdos e o estudo desses conteúdos. Hoje temos uma escola voltada para a diversidade, para os valores e para as problemáticas sociais cada vez mais presentes, também dentro da escola.

OBJETIVOS

O objetivo geral desse estudo é a compreensão dos fenômenos de violência, comumente chamado por bullying, dentro da escola. Esse objetivo parte da premissa já discutida de que ocorrem, cotidianamente, casos de violência e bullying dentro do espaço escolar. Diante de uma realidade e uma sociedade em constante transformação, o entendimento desse problema do cotidiano da escola objetiva, principalmente, refletir sobre o tema e propor considerações diante dos fatos constatados em um contexto escolar específico.

Procura-se analisar os fatores que motivam a violência escolar, no aspecto da relação entre os sujeitos, entendendo ser esse um aspecto relevante e disparador da problemática do bullying na realidade escolar.

Além disso, busca-se também investigar a compreensão dos alunos sobre a problemática do bullying. Os relatos, depoimentos e reflexões dos alunos são objetos desse estudo, portanto, visando uma compreensão do problema a partir da experiência dos mesmos, sendo vítimas ou espectadores de situações de violência e bullying dentro do espaço escolar.

METODOLOGIA

Para que possamos realizar a compreensão da temática da violência no contexto escolar, especialmente do bullying, torna-se necessária, a princípio, uma metodologia qualitativa, por se tratar do estudo de uma realidade complexa, que privilegie adequadamente os aspectos qualitativos (DEMO, 2005). Pereira (2004) entende que o dado qualitativo representa, simbolicamente, as manifestações qualitativas do evento em si e a relação deste com outros eventos. Permite assim, ao pesquisador, reconhecer as manifestações que vão além da quantidade numérico-aritmética. A pesquisa qualitativa permite, a partir de dados teóricos menos restritivos e pela manifestação da subjetividade do pesquisador e dos pesquisados, uma compreensão da realidade também de forma menos restritiva, ampliando a compreensão dos paradigmas e a manifestação destes no campo empírico. (PEREIRA, 2004).

Diante disso, optamos pela abordagem qualitativa dos dados subjetivos, crenças, valores, opiniões, fenômenos e hábitos, realidades que não podem ser mensuradas apenas quantitativamente. (LAKATOS e MARCONI, 2002; MINAYO, 1995). A realização desse estudo comporta não só uma pesquisa bibliográfico-teórica, mas também uma abordagem em campo, visando encontrar dados que satisfaçam uma compreensão mais ampla do tema, suas implicações e a ocorrência do fenômeno bullying em um contexto específico. Para coletar os dados empíricos, privilegamos como instrumento o questionário estruturado, que foi preparado e testado visando coletar tanto dados quantitativos e qualitativos, necessários para o entendimento da problemática. Os dados quantitativos que apresentamos visam evidenciar, constatar os fenômenos e auxiliar no entendimento dos aspectos qualitativos encontrados. O estudo em campo foi realizado em uma escola situada na zona oeste de Ribeirão Preto-SP, mantida pelo Governo do Estado de São Paulo.

Os participantes da pesquisa foram 27 alunos na faixa etária dos 12 a 14 anos, estudantes do Ensino Fundamental – Ciclo II e 46 alunos na faixa etária dos 15 aos 18 anos, estudantes do Ensino Médio da referida escola. Dentre os participantes, tivemos 30 sujeitos do sexo masculino e 43 do sexo feminino. Os alunos foram selecionados conforme os critérios de ciclo de estudos e tempo na

escola. Foram abordados pelo pesquisador que apresentou o intuito da pesquisa e manifestou seu caráter voluntário, mas importante para o entendimento da realidade de bullying e violência na escola. As respostas qualitativas são apresentadas da seguinte forma: os sujeitos foram codificados como “A” (de aluno) e enumerados em sequência, por ciclo de estudos. Usamos “7EF” e “9EF” para o 7º e 9º ano do Ensino Fundamental, respectivamente; e “1EM”, “2EM” e “3EM” para o 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, respectivamente.

RESULTADOS

Organizamos os dados em três categorias, a saber: Relacionamentos interpessoais, Violência na Escola e Bullying. Os resultados discutidos a seguir, tendo em vista as categorias descritas, são uma síntese construída a partir dos dados quantitativos e qualitativos encontrados no campo de estudo. Os dados produzidos, portanto, encontram sua sustentação no equilíbrio entre os dados quantitativos e qualitativos e no referencial teórico já fundamentado, e serão objeto de análise a partir desse ponto do estudo. Na primeira categorização de dados, englobamos aspectos relacionados aos relacionamentos dos sujeitos com outros colegas. Um número reduzido de sujeitos relacionou atividades coletivas e atividades individualizadas. Os sujeitos preferiram responder a questão mencionando, exclusivamente, diversões de ordem mais pessoal e individual, portanto, evitando contato com outros. Entre os alunos do Ensino Médio, verificamos, em contrapartida, um equilíbrio entre atividades coletivas e individualizadas. Respostas mais elaboradas denotam que o aluno pensou em mais de um aspecto para responder ao questionamento sobre seus divertimentos. Percebeu-se, assim, a valorização de atividades com familiares ou parentes, ou mesmo relacionamentos amorosos.

Diferentemente dos alunos do Ensino Fundamental, poucos alunos do Ensino Médio consideraram a internet como um divertimento. Nas atividades coletivas, verificamos uma pequena ocorrência de atividades que valorizam a competitividade. Verificamos, com isso, uma maior incidência de respostas que retratam atividades coletivas à distância dos pais (festas, saídas, etc.). De acordo

com Bauman (2001), os relacionamentos humanos passam por um processo de dissolução cada vez mais constante. A afetividade e o encontro com o outro deixam de fazer parte da vivência dos sujeitos e, conseqüentemente vive-se um processo de afastamento do outro, próprio da constante mudança numa realidade pós-moderna. Ainda segundo o autor, as relações humanas são esvaziadas, assim como nós detectamos, especialmente entre os alunos do Ensino Fundamental, que relataram, quase que unanimemente, atividades individualizadas em detrimento de atividades coletivas.

Além disso, podemos inferir que há, em todos os relatos dos sujeitos, as conseqüências de uma realidade em que os relacionamentos humanos são cada vez mais precários e vulneráveis, inconstantes e passíveis de transformações a todo o momento, na mesma velocidade das mudanças tecnológicas. O excessivo uso das tecnologias, que identificamos nos relatos dos sujeitos, pode também ser um indicativo dessa desvalorização das relações, conforme nos relata Silva (2009), ao tratar que o ser humano pós-moderno não mais valoriza o outro no escopo de suas vivências diárias. Ao questionar os alunos a respeito dos melhores amigos que possuem, vale ressaltar que os amigos tem grande poder de influência na vida dos sujeitos, segundo Silva (2009). O jovem reflete a cultura ao qual ele está inserido, cotidianamente. Assim, não só os amigos exercem influência, boa ou má, mas também os grupos podem ser um espaço onde o jovem encontre seus iguais.

Não nos surpreendeu o resultado encontrado – de que os melhores amigos do sujeito estejam na escola – no sentido de que a escola é um espaço de convivência de pelo menos seis horas por dia, cinco dias da semana, espaço esse que pode ser ampliado virtualmente. Potencialmente, os jovens da faixa etária que fazem parte desse estudo, podem ser influenciados muito mais por seus amigos do que pelos professores ou pais. Dois sujeitos relatam a dificuldade de relacionamento por conta de um bully – agressor – nomeando inclusive o sujeito e identificando pela primeira vez, a questão do bullying no universo de relacionamento entre os sujeitos nesta escola. Encontramos, de forma geral, para o questionamento das dificuldades de relacionamento entre os sujeitos, respostas bem elaboradas, denunciando essas dificuldades, especialmente pela intimidade e convivência entre os sujeitos há bom tempo.

Entretanto, segundo Bauman (2008), a intimidade e a convivência – estabelecida como critério pela maioria dos sujeitos questionados – são tão vulneráveis e inconstantes quanto as relações interpessoais que eles travam hoje em dia. Os critérios que os sujeitos utilizam pertencem a velhos padrões que não inspiram mais obediência. Segundo o autor, enquanto não houver um consentimento universal, mais e mais situações serão vivenciadas de maneira fluida e inconstante, demandando vigilância e violência, entre indivíduos e entre os grupos, no desejo de se auto afirmarem. Contrariamente aos estudos sobre a agressividade entre estudantes (SILVA, 2009; FANTE, 2011, ABRAMOVAY, 2002), encontramos, a princípio, um panorama de bom relacionamento entre os sujeitos – especialmente entre os colegas de classe. Porém, quando mudamos a questão e pretendemos saber se já houve algum tipo de briga com algum colega na escola, curiosamente verificamos um grande número de sujeitos que afirma já ter brigado.

Segundo Silva (2009), o comportamento agressivo entre estudantes tem aumentado muito nos últimos anos, reflexo das vulneráveis ou escassas relações interpessoais que os indivíduos travam entre si. O comportamento agressivo ou violento nas escolas, segundo Fante (2011), é o fenômeno mais complexo e difícil de entender na atualidade. As intimidações psicológicas e físicas, as humilhações, as fofocas, as intrigas e a violência em si (SILVA, 2009) fazem parte do dia-a-dia de nossas escolas, desde o ensino fundamental como abusos visíveis por parte dos “mais fortes” em relação aos mais frágeis. Essa agressividade se estrutura e desenham os comportamentos dos mais jovens, especialmente daqueles que possuem poucos recursos socioculturais ou familiares. A escola, nesse complexo contexto, deve se preparar para o dever de prevenir os fenômenos de agressividade e violência. Aqueles que trabalham nesse contexto devem ser preparados para atuar com vistas a melhorar não só o ambiente escolar, mas, principalmente as relações interpessoais entre os sujeitos. Assim, conforme Fante (2011, p. 169): “promovendo a solidariedade, a tolerância, o respeito [...], utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolvam toda a comunidade escolar.”

Na segunda categorização de dados, consideramos questões que envolvem a questão da violência na escola. Pretendeu-se categorizar os dados no sentido de

compreender os fenômenos de violência próprios da escola estudada, seja em sala de aula ou no recreio. Além disso, uma verificação mais apurada da opinião dos sujeitos sobre o suporte que a escola oferece para enfrentar a violência. Na questão sobre a ocorrência de casos de violência em sala de aula, 45 (quarenta e cinco) alunos responderam positivamente e 28 (vinte e oito), negativamente. Os alunos do Ensino Fundamental relataram os mais variados casos de violência em sala de aula. Encontramos relatos de 4 (quatro) casos de violência física, 5 (cinco) casos de violência ou agressão verbal, de duas ameaças, de um desentendimento por causa de relacionamento amoroso e um sujeito que relatou a violência de um professor para um aluno. De forma geral, verificamos a incidência de casos em que há uma dificuldade na aceitação das diferenças, o excesso de poder – por parte do professor – discussões por situações mais corriqueiras, que nem deveriam ocorrer durante o horário das aulas. Entre os alunos do Ensino Médio, encontramos relatos de 15 (quinze) casos de violência física, 18 (dezoito) casos de violência ou agressão verbal. Três sujeitos associaram o bullying ao mencionar os casos de violência em sala de aula. Três casos de violência foram associados a relacionamentos amorosos. A seguir apresentamos algumas respostas dadas pelos alunos:

Teve uma briga de dois meninos na sala e eles começaram a se bater, tacar cadeira e o professor estava tentando separar. (A4-1EM). Falta de respeito com professores, apelidos dados à colegas de classe. (A8-1EM). Eu tinha uma colega que sofria bullying na escola por outras meninas, ela sofreu bastante até que um dia ela resolveu revidar e foi pra cima das outras meninas e ela foi considerada expulsa da escola. (A6-2EM). Comigo mesma ocorreu duas vezes. A primeira vez foi quando eu estava na 2ª e 3ª séries, os alunos me excluíram, não falavam comigo, eu me sentia muito mal pois sempre fui gordinha e sabia que eles me excluíam por causa disso. A segunda vez foi na 8ª série quando retornei a escola estadual [a EE de nossa pesquisa] e com uma semana de aula dos alunos fizeram uma brincadeira totalmente desagradável, pois eu fui ao banheiro e quando voltei e sentei na cadeira, umas meninas e uns meninos levantaram e sentaram novamente depois de mim para que simulassem um “terremoto”. (A15-2EM). Vejo violência verbal a todo tempo algum ser insultando, desprezando o próximo com palavras pesadas. (A1-3EM). Alunos(as) discutirem em sala de aula, até mesmo entre professor e alunos, principalmente em ofensas. Já vi professores humilharem alunos. (A10-3EM). Violência física entre dois alunos que se estranharam, depois que

um deles ficou com ciúmes do outro por ter abraçado uma aluna. (A16-3EM). Violência verbal, quando a [citou nome] estudava conosco, ninguém gostava dela e fazia de tudo para tratá-la mal. No primeiro ano na aula de Filosofia, a [citou outro nome] me chamou para estudarmos juntas, eu fui mas estava levando a minha carteira, aí ela disse que não precisava de eu levar a carteira, que eu sentaria na carteira da frente, e eu fui e sentei, e na carteira tinha manteiga, todo mundo riu de mim. (A17-3EM)

Encontramos casos de agressões físicas e de danos ao patrimônio público, mas, principalmente, do risco da integridade física dos alunos. A interferência do professor, no relato de um dos sujeitos, não foi suficiente, pois não foi só uma cadeirada que o aluno deu no outro, mas também um soco, arrancando um dos dentes do agredido. O professor, inclusive, tentou separar, sujou sua roupa de sangue e, posteriormente, foi ameaçado também pelo agressor. No caso da violência relatada por conta de bullying, por um dos sujeitos, verificamos que as consequências foram apenas contra quem foi agredido até então e resolveu revidar. Entretanto, é provável que o sujeito tenha sido ameaçado a não contar nada do que estava acontecendo nem em casa e nem na escola, pois sofreria retaliações. Verificamos aqui um caso clássico de bullying, pois a agressão se deu por um grupo de meninas contra alguém supostamente indefeso. Constatamos, ainda, nas respostas do Ensino Médio, o excesso de violência verbal, seja entre os alunos, seja de professor para aluno. Um sujeito não esperava que o professor ofendesse ou humilhasse nenhum de seus colegas, entretanto isso ocorre cotidianamente.

No caso relatado por um aluno do Ensino Médio, verificamos mais um caso clássico de bullying. A brincadeira de mau gosto provocou a humilhação pública da aluna. Nesse caso, não só o agressor participou da situação diretamente, mas todos na sala, indiretamente, participaram do bullying. Na questão sobre a ocorrência de casos de violência no recreio, 66 (sessenta e seis) alunos responderam positivamente e 7 (sete), negativamente. Os alunos do Ensino Fundamental relataram 15 (quinze) casos de violência física, 6 (seis) casos de violência ou agressão verbal, 2 (dois) casos por conta de relacionamentos amorosos. Entre os casos mais graves, cabe destacar que em alguns deles encontramos a ocorrência de bullying. Ainda, aqueles casos mais comuns como briga entre meninas que puxam os cabelos uma da outra e as provocações por parte de um grande grupo de alunos

(brigas com 'platéia'). Podemos analisar que, diferentemente dos relatos de violência em sala de aula, os casos de violência durante o horário do recreio (que podem incluir também as trocas de aulas, a saída, as aulas vagas ou sem professor, que não são poucas) tem uma incidência maior de violência física do que verbal. Notadamente percebemos, em todos os casos, uma tamanha banalidade nas situações e no relacionamento com o outro.

A violência, seja ela dentro da sala de aula ou durante o recreio, é fruto de fatores internos e externos à escola. Entretanto, pudemos perceber que durante as aulas a incidência de situações de violência é bem reduzida se comparada ao número de relatos de violência durante o recreio, ou em momentos em que os professores não estão presentes. Predomina na escola estudada a violência contra a pessoa, "que pode ser expressa verbal ou fisicamente e que pode tomar a forma de ameaças, brigas [...]." (ABRAMOVAY, 2002, p. 49). As ameaças, por si só, geram um clima escolar de muita tensão e insegurança, pois elas podem ou não se concretizar em violência física. As brigas, segundo Abramovay (2002) são muito frequentes em escolas, manifestadas principalmente por ataques verbais, através de bate-bocas ou discussões. A escola tem como princípio a socialização através da equidade. (FANTE, 2011). Entretanto verificamos nesta escola – e de forma geral em tantas outras que usam o mesmo sistema – a confusão entre equidade de homogeneidade, ou seja: os alunos são tratados como iguais e sem levar em conta as características dos indivíduos. Assim, cria-se um clima de competitividade entre os sujeitos, abordagens metodológicas visando que todos saibam o mesmo e formas questionáveis para mediar os conflitos interpessoais.

Aspectos externos à escola também influenciam na ocorrência de violência dentro do espaço escolar, haja visto o contexto social atual, com grandes desigualdades sociais, pobreza, desemprego e falta de condições educacionais, culturais e básicas para uma vida decente. Essas situações podem interferir diretamente na agressividade, delinquência e atitudes antissociais. Os meios de comunicação também podem ampliar essa agressividade e afastamento de relações interpessoais, bem como a deformação da realidade e a formação de opiniões e condutas transgressoras e violentas. (FANTE, 2011). Com relação ao suporte que a escola dá para o enfrentamento da violência, verificamos uma divisão de opiniões

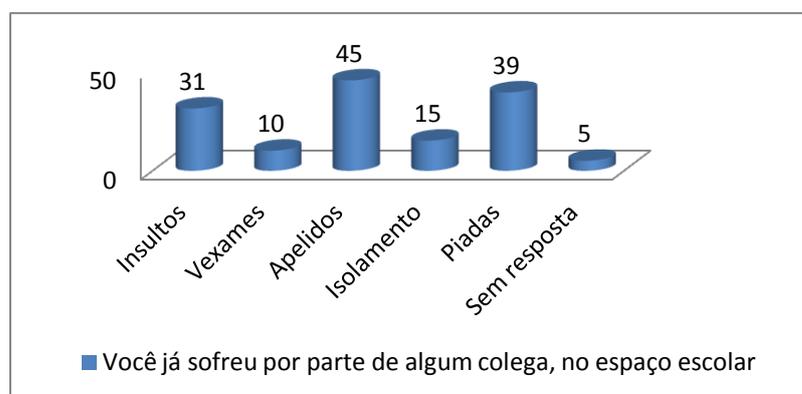
entre os sujeitos, não só ao questionar quantitativamente, mas também ao solicitar aos mesmos as justificativas para esta polêmica pergunta. Os sujeitos justificaram a questão do controle da violência na escola com a presença policial. É verdade que na esquina da escola estudada, em um prédio anexo, inclusive, funciona uma base da Polícia Militar do Estado. Entretanto, essa base não atua dentro da escola, nem mesmo pode ser acionada diretamente quando da ocorrência de algum fato grave na escola.

Contudo, verificamos uma tendência por parte dos alunos de realizar a ligação entre a violência escolar e sua solução com a presença policial e não com a ação daqueles que teriam um caráter pedagógico no tratamento dessas questões, os professores, funcionários e os gestores da escola. A escola procura lidar com a questão da violência. Em algumas respostas, porém, verificamos uma falta de conhecimento por parte dos sujeitos das medidas ou providências que a escola toma. Em outras respostas, encontramos que a escola, segundo os sujeitos, acaba resolvendo as situações usando seus próprios recursos, entre os quais podemos destacar o papel da direção da escola aplicando alguma punição – a suspensão dos agressores, por exemplo – o papel preventivo dos funcionários – inspetores de alunos – ou mesmo a mediação dos conflitos, por parte do programa do Professor Mediador Escolar e Comunitário. Abramovay (2002) menciona que em um de seus estudos para a mediação dos conflitos, aplicou um questionário que apresentou um leque de medidas para conter a violência nas escolas. A vigilância policial obteve o maior número de respostas. Outras medidas como “diálogo entre alunos, professores e diretoria e parceria entre escola e comunidade” (2002, p. 69) também aparecem como propostas para transformar essa realidade de conflitos.

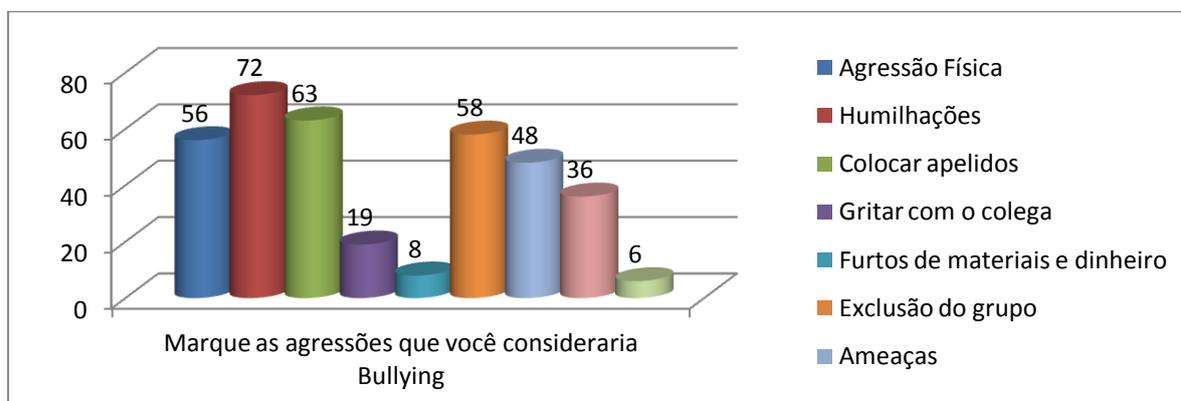
A presença policial dentro das escolas, entretanto, segundo Abramovay (2002), também gera uma crítica por parte dos estudantes, devido ao tipo de policial e o serviço prestado, gerando aí um grande descrédito. Sem dúvida, de todas as medidas citadas pelos sujeitos, merecem destaque aquelas que valorizam o diálogo entre toda a comunidade escolar. Entretanto, se esse diálogo não estiver pautado a partir de uma gestão democrática da escola e através da simetria das funções entre os sujeitos escolares (ARAÚJO, 2002), bem como da realização de assembleias escolares que visem discutir essas questões, permanecerão as

problemáticas, com o risco até mesmo de que sejam ainda piores as relações interpessoais entre os sujeitos. Na terceira e última categorização dos dados, tratamos das representações dos alunos sobre a questão bullying. Tivemos por objetivo compreender não só a visão dos alunos sobre a problemática do bullying, mas também colher relatos sobre esse fenômeno no campo estudado.

Perguntamos aos sujeitos, através de uma questão de múltipla escolha, quais das situações já tinham sido vivenciadas pelos mesmos, no espaço escolar. Analisando o resultado do gráfico a seguir, verificamos que apenas 5 (cinco) alunos preferiram não responder. Os outros sujeitos marcaram, em média, duas ou três alternativas, pelo menos. Observamos uma maior incidência de apelidos (45 respostas), piadas (39 respostas) e insultos (31 respostas). Todas as alternativas se referem à ocorrências comuns de serem caracterizadas como bullying nas escolas, conforme os estudos sobre o tema.



Segundo Silva (2009), atitudes diversas podem caracterizar a ocorrência do bullying. A vítima normalmente recebe mais de um dos maus-tratos citados. Essas atitudes não só servem como meio para excluir o outro – a vítima – mas também contribuir para a evasão escolar. Ainda analisando qualitativamente a problemática do bullying, perguntamos aos sujeitos, numa questão de múltipla escolha, quais agressões, na visão deles, poderiam ser consideradas como parte do fenômeno bullying. No gráfico a seguir, encontramos o desdobramento dessa questão.



Os sujeitos marcaram de três a quatro alternativas, pelo menos. Apenas 6 (seis) alunos marcaram todas as respostas nesta questão. Analisando o gráfico, observamos que o item humilhações recebeu 72 respostas, colocar apelidos recebeu 63 respostas, exclusão do grupo recebeu 58 respostas, manifestações típicas de bullying na maioria dos casos. Ainda percebemos a associação do bullying com agressões físicas (56 respostas) e empurrões (36 respostas), entretanto essas agressões não são tão comuns na tipificação do fenômeno bullying. Encontramos ainda 48 respostas para o item ameaças, que normalmente integram o fenômeno, especialmente quando ocorrem os agressores intimidam suas vítimas a não contar para outras pessoas sobre os fatos. Cubas (2006) aponta que a ocorrência dessas situações com tanta frequência nas escolas se dá por conta da dificuldade em coibir tais comportamentos violentos e inibir as tendências para a agressividade. Apresentamos a seguir algumas respostas obtidas ao questionar os alunos a respeito do bullying presenciado ou sofrido na escola:

Eu já presenciei com uma ex-colega que as pessoas chamavam ela [sic] de macho-fêmea por que ela jogava bola. (A6-7EF). Eu já sofri por gaguejar. Já fui humilhada e apelidada no palco da escola e depois quase no meio da rua. O apelido não foi no palco, mas já me zombaram. Chorei muito. (A2-9EF). Já presenciei um caso na escola onde o inspetor de alunos comentou que a menina era gorda e negra e ele ficou rindo e debochando da cara dela. (A5-9EF). Eu já participei do bullying, eu sabia que era uma coisa errada, mas para mim não ficar de fora e excluída, eu resolvi zuar também e a pessoa que sofreu bullying chorou e ficou magoada. (A4-1EM). Aconteceu no ano de 2011, quando eu estava na 1ª série do ensino médio, começou com bolinhas de papel sendo jogadas enquanto prestava atenção na aula, depois me excluía das aulas, depois começaram os insultos e em seguida furavam o pneu da minha

bicicleta, impossibilitando o meu deslocamento até em casa. Isso tudo só porque eu queria estudar. (A5-2EM). Minha colega foi um alvo grande de bullying, sofria com apelidos, insultos e piadas de outras garotas. Eu tentava ajudar ela, mas ela se entregava fácil, até que um dia ela resolveu revidar, e por ordem da direção da escola, acabou sendo expulsa. Eu achei uma injustiça, mas enfim, hoje ela já esqueceu tudo isso e eu fico feliz por isso. (A6-2EM)

Ano passado tinha uma menina na minha sala que era muito maltratada e xingada por todos de vários apelidos de mal gosto, isso era muito ruim, pois ela ficou diferente e também repetiu de ano. (A10-2EM). Como eu disse na questão 11 e 12, eu já sofri muito bullying, e isso é traumático para mim até hoje, pois tudo que passei ainda reflete em mim. E hoje mesmo tendo muitos amigos eu ainda tenho dúvidas se eles realmente gostam de mim e tal. A minha infância dentro da escola foi horrível para mim e depois que fui pra escola particular, foi tão diferente. A escola me aguardava, me senti acolhida e tive uma impressão boa de como era uma escola. Mas na 8ª série voltei pra escola estadual e todo aquele trauma voltou em peso, cada dia que passa o prazer que eu sentia em estudar ficou todo para trás. Espero realmente que esse prazer volte algum dia, pois sonho em ser alguém na vida e tenho consciência que sem estudo eu não vou pra frente. (A15-2EM). Por eu sempre ter usado o cabelo mais comprido, sendo garoto, e ter sido um pouco anti-social, apelidos como “emo” e “viadinho” eram comuns. Também fui muito humilhado por andar sozinho, sempre vestir preto e escrever em idiomas estranhos como o élfico (visto em “O Senhor dos Anéis”). Minha vida na escola nunca foi muito fácil, mas eu aprendi a ignorar tudo isso. (A4-3EM). Tinha uma menina que era morena e tinha muita espinha, todos os dias alguém zuava dela na sala, no recreio, a todo o momento e 80% dos alunos da sala faziam isso. Uma vez um professor estava explicando e falou para ela “bonita, você entendeu aí”. Um menino falou: “ela não é bonita” e começou a zuar ela. O professor mandou para fora, mas não adiantou, porque ninguém pode apagar da memória. (A18-3EM)

As respostas qualitativas sobre a questão do bullying e a violência na escola, trazem, novamente, a problemática das relações humanas. Os sujeitos percebem que há algo errado nos relacionamentos, ao detectar a falta de respeito próprio ou de respeito ao outro, a falta de harmonia nas relações, a dificuldade na aceitação das diferenças ou, até mesmo, a dificuldade de autoafirmação da personalidade. Dois sujeitos, especialmente, discutem a autoafirmação da personalidade, o que, supostamente geraria o indivíduo potencialmente agressor e praticante de bullying. Tendo em vista a análise do papel dos agressores ou praticantes de bullying, Cubas (2006) afirma que esses sujeitos normalmente atrapalham outros alunos de forma desagradável, insultando, agredindo ou ridicularizando-os. Agem

contra os mais fracos, são fisicamente mais fortes que seus colegas e tem bom desempenho nas atividades físicas. Da análise das respostas dos alunos sobre o bullying presenciado ou sofrido dentro da escola, verificamos que os relatos dos sujeitos expressam a realidade de bullying e violência escolar presentes no campo estudado, sem precedentes. Nota-se nos relatos a grande dificuldade existente, por exemplo, no campo da aceitação das diferenças, evidenciado por conta do uso de apelidos ou piadas visando à humilhação do outro, ultrapassando o limite da brincadeira apenas.

Verificamos ainda, no campo da não aceitação das diferenças, o preconceito claro contra aqueles que se vestem ou tem gostos musicais diferentes, ou a discriminação social por pertencer a uma classe social mais baixa ou por morar na periferia da cidade. Chama a atenção os relatos de três sujeitos, que retratam a participação de funcionários e professores nos fatos descritos. O funcionário, no caso, foi agressor, pois debochou da aluna. Dos dois professores citados, um foi agressor, pois ofendeu um aluno por conta de sua religião e o outro professor até tentou desqualificar a agressão cometida por um aluno para uma aluna, mas não tomou uma postura educativa ao colocar o aluno para fora da sala de aula, simplesmente. Uma aluna fez vários relatos em seu questionário sobre o quanto sofreu o bullying. Com esse sujeito, inclusive, obtivemos mais dados e pudemos compreender melhor sua história, pois ela relatou também os fatos verbalmente. Percebemos o quanto o fenômeno do bullying pode traumatizar uma pessoa na sua trajetória escolar. Ela, após tudo que sofreu, relatou ter perdido o prazer em estudar. E talvez essa seja a consequência das mais graves na vida escolar de qualquer pessoa, sem contar os danos psicológicos e comportamentais para os sujeitos que são vitimados cotidianamente nas escolas, como nos casos que conseguimos coletar em campo.

A falta de relações interpessoais mais adequadas é o cerne de toda essa questão. Poderíamos aqui fazer uma análise de todas as consequências pelas quais passam as vítimas de bullying, mas a mais desastrosa delas é a dificuldade de convivência social após terem sido ridicularizadas por aqueles que são agressores, mas também são vítimas de si mesmos. Segundo Fante (2011), a adaptação de um sujeito à escola depende do relacionamento que estabelece com seus educadores e

com seus colegas de classe ou outras classes. Quando esses relacionamentos são pautados pelo diálogo e respeito, podem proporcionar aos sujeitos um bom desenvolvimento escolar, em todos os sentidos. Se, ao contrário, houver problemas de relacionamento, a escola será um espaço de contrariedade e de estresse, de tensão constante, resultando em toda variedade de conflitos discutidos até aqui e identificados no campo estudado. Segundo Silva (2009), a escola não está pronta para identificar e enfrentar a violência. Omissão, comodismo e a negação do fenômeno são muito comuns. Diante das evidências – denunciadas também por esse estudo – as escolas precisam tomar atitudes visando entender os prejuízos que o bullying pode trazer para a formação humana de seus indivíduos. Discutir amplamente o tema com a comunidade, preparar seus profissionais, intervir adequadamente em todos os casos, não esperando que o bullying tome uma proporção ainda mais drástica (por exemplo, como evidenciou um dos sujeitos: “A escola só toma consciência quando o bullying vira agressão física”).

Ainda de acordo com as reflexões de Silva (2009), o grande responsável pela mudança nesse panorama, dentro da escola, é o professor. Se a escola cumprir um papel significativo na formação de nossos alunos, provavelmente não será mais possível ler os relatos que coletamos. Além da preparação das escolas para enfrentar esses fenômenos de bullying e violência escolar, políticas públicas para a qualidade da educação precisam sair do papel e preparar nossos alunos para que possam superar esses fatos do dia-a-dia e, principalmente, buscarem uma vida mais digna e uma convivência com o outro pautada em valores como o comprometimento, o afeto e o respeito mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento do fenômeno bullying na escola pesquisada tornou-se de fundamental importância, tendo em vista as grandes transformações que a sociedade como um todo vem sofrendo. Nesse sentido, esse estudo será instrumento fundamental para compreender as particularidades e desdobramentos dos fenômenos de violência e bullying no contexto local,

contribuindo decisivamente na tomada de posturas pedagógicas para o enfrentamento das problemáticas denunciadas.

Ao verificar as representações dos alunos sobre os relacionamentos interpessoais, pode-se compreender de forma mais adequada como se travam esses relacionamentos e os vários desdobramentos dessa questão. A leitura dos dados à luz das discussões de Zygmunt Bauman permitiu, de forma mais efetiva, a análise do contexto local estudado, bem como a reflexão sobre a necessidade de melhoria no clima escolar e nos relacionamentos entre alunos, professores e demais profissionais da escola. Entender a visão dos alunos sobre o papel da escola no suporte para o enfrentamento da violência é fundamental, se se pretende, em longo prazo, a realização de práticas pedagógicas ou projetos visando ampliar os relacionamentos, melhorar o clima escolar ou mesmo mediar os conflitos encontrados com maior efetividade.

Infelizmente, não detectamos na realidade escolar estudada um preparo e nem suporte para o enfrentamento da violência, a não ser a presença do Professor Mediador. Sem dúvida, a partir dos dados que foram coletados por esse estudo, uma reflexão sobre os mesmos e a prática pedagógica por parte dos profissionais da escola será necessária, tendo em vista a prevenção das situações de violência que foram denunciadas pelos sujeitos.

Os relatos dos sujeitos sobre o bullying presenciado ou sofrido pelos mesmos são de fundamental importância para a tomada de decisões não só no âmbito pedagógico, mas também político-educacional – num contexto mais amplo – para a prevenção desse fenômeno que interfere decisivamente na vida acadêmica e na convivência social desses sujeitos. A partir dos dados coletados e analisados, fica evidenciada a necessidade da prevenção dos fenômenos, tanto de violência na escola quanto de bullying, no âmbito da realidade escolar estudada. Mais do que urgente que a escola seja significativa, ou seja, não apenas forme o aluno pelos conteúdos, habilidades e competências previstas nos referenciais curriculares, mas que possa dar suporte para que o aluno conviva com as diferenças, tenha relacionamentos interpessoais saudáveis, cresça a partir da reflexão sobre valores. Sem dúvida, que a escola prepare o indivíduo para ser humano, não para si, mas também para o outro.

Finalmente, vale ressaltar que o estudo sobre violência e bullying na escola é um grande desafio. Um desafio teórico, dada a vasta literatura sobre o tema. Sobretudo, um desafio metodológico, para mensurar a questão, analisá-la e torná-la um instrumento prático para a reflexão sobre o tema. Seria fundamental que os professores e professoras, a partir desse estudo, fossem capazes de detectar os conflitos e preveni-los, que usassem o espaço de sala de aula não só para discutir seus conteúdos, mas debater questões éticas, valores, relacionamentos. Seria fundamental que a escola em questão fosse construída a partir de princípios dialógicos, promovendo ações justas e democráticas. Seria fundamental ainda, que os alunos tivessem clareza dos seus direitos e deveres para consigo e com os outros colegas. O conhecimento dos dados analisados nesse estudo servirá para aprimorar os relacionamentos e a gestão das situações de conflito dentro da escola. Promover o debate sobre o tema violência e bullying dentro da escola será de extrema importância, a longo prazo, na construção de uma educação mais próxima do enfrentamento dos problemas de nosso tempo, marcado por relacionamentos cada vez mais “líquidos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002.
- ARAÚJO, Ulisses F. **A Construção de Escolas Democráticas**: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências. São Paulo: Moderna, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CUBAS, Viviane. **Bullying: Assédio Moral na Escola**. In: RUOTTI, Caren (org.). **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (orgs). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DEMO, Pedro. **Metodologia da investigação em educação**. Curitiba: Ibpex, 2005.

FANTE, Cléo, **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6ª ed. Campinas/SP: Verus, 2011.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, Júlio Cesar Rodrigues. **Análise de dados qualitativos**: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.